

A PASSAGEM DO BANDO DE LAMPIÃO EM BELÉM DO RIO DO PEIXE (UIRAÚNA-PB)

Rafael Vieira Formiga¹

Resumo: O cangaço tem sido abordado pela historiografia clássica como um movimento de caráter criminal e de banditismo, onde bandos de cangaceiros (homens armados) invadiam cidades deixando rastros de terror, indagação e até mesmo admiração. Em uma de suas trilhas, o bando de Lampião passou na antiga região de Belém do Rio do Peixe, atualmente cidade de Uiraúna - PB, em 1927. O presente trabalho tem como objetivo perceber e compreender o papel da memória na construção desse processo histórico, através de lembranças de pessoas que presenciaram de alguma forma esse evento, e como essa memória estar preservada até hoje. Para tanto será utilizado entrevistas a estas pessoas, objetivando o dialogo com autores clássicos da temática como Facó (1980), Chiavenato (1990), Gruspan (2006), dentre outros. Nessa perspectiva, busca-se com esse trabalho contribuir para a historiografia do cangaço e da história local-regional do município.

Palavras-Chave: Cangaço; Memória; Uiraúna - PB.

1 Introdução

O cangaço foi um movimento social ocorrido no nordeste brasileiro, em meados do século XVIII, estendendo-se até a primeira metade do século XX. Muitas vezes o cangaço é caracterizado como um movimento de caráter criminal e de banditismo, pelo fato de suas ações infringirem a ordem e as leis da época, transformando-se em quadrilhas aterrorizando o sertão nordestino. Gruspan (2006) define o cangaço como um modo de vida particular de existência das populações nordestinas que viviam naquela época, cuja origem é atribuída a questões sociais e as questões climáticas do nordeste brasileiro.

Os estudos que abordam o cangaço sob essa perspectiva atribuem sua existência às formas de exploração a que eram submetidos os pobres da região nordeste, pelos coronéis (grandes fazendeiros), como também pelo agravamento da dificuldade social com a cobrança de altos impostos, além das secas, fatores que geravam fome e miséria que afetavam todos os pobres da região. Essa situação deu margem à formação de cangaceiros como indivíduos que lutavam de armas nas mãos, assaltando fazendas, saqueando comboios e armazéns de víveres nas próprias cidades e vilas (FACÓ, 1980).

Em meio esse contexto de criminalidades de grupos de cangaceiros no sertão do nordeste brasileiro, o que mais se destacou foi o Grupo de Virgulino Ferreira da Silva, conhecido em todo o território brasileiro por Lampião. Devido às grandes ações criminosas que percorrerá uma enorme faixa territorial do país, como também as grandes repercussões através da mídia, o que fez Lampião ser conhecido em todo país e até mesmo no exterior.

¹ Graduando em História pelo Centro de Formação de Professores (CFP), da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). E-mail: rafaelformiga.una@hotmail.com

As considerações a serem aqui expostas são referentes ao aprofundamento das discussões bibliográficas de autores que discutem a historiografia do cangaço. Essa discussão e aproximação com o tema teve início na disciplina de projeto de pesquisa do curso de Licenciatura em História, ainda em curso e que posteriormente será o tema central de estudo do projeto de monografia de conclusão do curso, portanto deixa-se claro que a pesquisa encontra-se em processo de iniciação. Para essa apresentação será considerada e discutida a possibilidades de pesquisa sobre a passagem do bando de Lampião na antiga região de Belém do Rio do Peixe, atual cidade de Uiraúna - PB², na primeira metade do século XX. A partir das discussões existentes sobre o cangaço interligadas a histórias da memória de pessoas que presenciaram de alguma forma esse contexto.

Em diálogo com a historiografia clássica e atual da temática, abordarei nesse estudo o cangaço sob a perspectiva de um estudo de caso. Buscando as representações acerca da passagem do bando de Lampião, na antiga região de Belém do Rio do Peixe, atual cidade de Uiraúna, no estado da Paraíba, mais precisamente no ano 1927. Com essa pesquisa objetivo perceber e compreender o papel da memória na construção desse processo histórico, através de lembranças de alguns residentes da cidade, e perceber como essa memória está preservada atualmente.

Para realização desse trabalho serão feitas pesquisas em arquivos públicos, revisões bibliográficas e depoimento oral dos moradores da cidade. Portanto, busca-se com a finalização dessa pesquisa contribuir para a construção da história local-regional, e destacar como a visita de Lampião influenciou de forma social e cultural na população de Uiraúna - PB. Ressaltando que a presente pesquisa não tem intenção alguma em descrever singularmente a figura de Lampião e seu grupo, mas sim uma tentativa de investigar os acontecimentos e suas representações através da memória.

2 Notícias bibliográficas sobre o cangaço

O cangaço está inserido no contexto da historiografia brasileira, como um movimento de forte repercussão no nordeste do país, que teve início em meado do século XVIII, e estendeu até a primeira metade do século XX:

[...] o termo cangaço define não apenas o conjunto de armas e de atributos guerreiros exibidos por um bandido do sertão, mas também um modo de

² A cidade de Uiraúna (antiga Belém do Rio do Peixe) está localizada no Estado da Paraíba, limitando-se ao oeste com o Estado do Rio Grande do Norte, possui uma área de 262,7 Km².

vida, uma forma particular de existência o cangaceiro torna-se então aquele que vive no cangaço e pelo cangaço (GRUSPAN, 2006, pág. 22).

A origem desse movimento para alguns estudos está enraizada nas questões sociais do nordeste brasileiro, onde o sistema político e social da época gerou uma exploração pelos coronéis (grandes fazendeiros), que cobravam altos impostos, as classes menos favorecidas do sertão nordestino, além das secas que castigavam o povo dessa região.

Todas essas situações contribuíram para a revolta de algumas pessoas, fazendo com que o cangaço fosse caracterizado geralmente por ações violentas de grupos, na maioria das vezes, ou por indivíduos isolados, que agiam através de ações como assaltos a fazendas, sequestravam coronéis e saqueavam comboios e armazéns. Para Facó (1980), essas revoltas se constituíram como verdadeira tomada de consciência das populações pobres contra as ações dos coronéis, levando os revoltados a entrarem no cangaço para refugiar-se e posteriormente vingar seus traumas, as quais também se apresentavam como portadores de componentes de misticismo religioso expressando a rebeldia, a capacidade de organização e a insubmissão das populações sertanejas.

Outra abordagem sobre o cangaço é apresentada por Chiavenato (1990), onde afirma que a origem do surgimento do cangaço está diretamente ligada à política coronelista, da qual o surgimento do cangaço só foi possível graças ao coronelismo que eram de grande apoio aos cangaceiros. Os cangaceiros pagavam o preço de servirem nas lutas políticas dos coronéis em troca de armamentos, suprimentos e principalmente força política em determinada região.

Nessa mesma linha de pesquisa sobre a hipótese do surgimento do cangaço, especificamente dos grupos de cangaceiros, Araújo define:

Tudo indica que o cangaço tenha surgido de uma forma de trabalho, atualmente conhecida em termos pejorativos como jagunço ou capangas. Eram homens contratados para o trabalho numa propriedade que, em certas ocasiões, em virtude das querelas políticas ou brigas de família, eram armados pelos seus chefes para os embates esporádicos. Muito provavelmente, a idéia que muitos cangaceiros têm do cangaço como uma profissão, advém da própria origem comum do termo (ARAÚJO, 1934, p. 9).

Assim, dentre os inúmeros grupos de cangaceiros existentes, o que mais se destacou foi o bando de Virgulino Ferreira da Silva, mais conhecido como Lampião. Gruspan (2006, p. 22) o descreve como o cangaceiro de maior repercussão em todo o contexto no cangaço, visto que:

Lampião fez do cangaço um modo de vida e até mesmo uma profissão, percorreu um território à frente de um grupo que contou até com cem homens, ao passo que os bandos antecessores raramente ultrapassavam quinze pessoas, desafiou as forças policiais e até mesmo os governadores de diferentes estados do Nordeste.

Surgindo-se o mito de um herói do sertão, já que roubava dos ricos fazendeiros para ajudar os pobres da região, assim como também o antimito de bandido, por estar envolvido em uma enorme jornada de criminalidades no sertão nordestino. Contudo, Lampião se consagrou através da mídia como o “Rei do Sertão”, aquele que se preocupava com a sua imagem perante a sociedade, estabelecendo uma relação entre o meio socioeconômico e o fenômeno do cangaceirismo em sua vida particular, em sua epopéia, no caso o sertão. Como atesta Gruspan (2006, p.113):

[...] Lampião quanto à imagem que gostaria de transmitir à sociedade: a do bandido que desafiava as autoridades policiais e governamentais, a do chefe guerreiro à frente de um grupo para o qual ele assegura a vida material com um pai de família, a de um bandido profissional que às vezes presta serviços aos chefes políticos locais, a de um homem que ama a vida que leva, não tendo a opção de ter outra, a do bandido de honra que não pára de perseguir seus inimigos, a de quem faz questão de que saibam que não é covarde de acordo com as representações heróicas da cultura do sertão e, finalmente, a de um homem que respeita as classes sociais opulentas.

Como os demais grupos de cangaceiros, o bando de Lampião relacionado a uma trajetória de furtos e mortes por onde passava não eram muito diferentes, comparadas assim como ações terroristas que por onde passava geravam um enorme terror nas populações nordestinas, relata Chiavenato (1990, p. 81):

Cantado a torto e a direito como guerrilheiro, Lampião foi um terrorista. Não usou técnicas de guerrilha, ampliou pelo terror os modos de lutas do Nordeste conflagrado. [...] impunham-se pelo terrorismo, espalhavam o pânico, abusavam da violência. Quando se defrontavam repetiam as mesmas práticas seculares das brigas entre bandos rivais.

Lampião também se destacou dos demais grupos de cangaceiros pelas formas de estratégias de combate para invadir e saquear os lugares alvos. Como descreve Chiavenato (1990, p. 82-83), sobre as táticas de combate de Lampião:

O sucesso de Lampião apóia-se na rede de coiteiros³ e no abastecimento constante de armas. [...] Sua estratégia limita-se a aplicar os truques simples,

³ Coiteiros eram pessoas que serviam e moravam em território dos coronéis, que ajudavam os cangaceiros no abastecimento de armas e comidas.

como dividir o bando em grupos e atacar em várias frentes, recuar e avançar dando a impressão de ser forte ou fraco, despistar rastros ou deixar pistas faltas, etc.

Podemos perceber através desse estudo uma das facetas culturais e política do cangaço e especialmente do cangaceiro Lampião, na construção de auto-representações. Aspectos da história do cotidiano e imagem do cangaço e dos cangaceiros se tornam cada vez mais públicos através de estudos e pesquisas sobre momentos e situações específicas da atuação dos cangaceiros em determinadas localidades. Como por exemplo, descreve Fernandes (1985, p. 166) sobre a passagem de Lampião e seus aliados grupos de cangaceiros em Mossoró-RN:

Os cangaceiros saíram, a pé, do lugar “Saco”, para assaltar Mossoró. Tinham dois quilômetros a frente. Sabino comandava as duas colunas da vanguarda. A primeira, composta de elementos escolhidos, chefiada por Jararaca, e a segunda por Massilon. A terceira, na retaguarda, conduzia pelo Capitão Virgulino (Lampião), mantinha certa distância das demais.

Nas abordagens sobre a perspectiva de que os grupos de cangaceiros marchavam pelo sertão em busca de riquezas e bens materiais, surge à hipótese de em uma de suas passagens de criminalidade em vasta região do nordeste brasileiro, o bando de Lampião teria passado pelo povoado de Belém do Rio do Peixe, atual Uiraúna – PB.

A cidade de Uiraúna, antiga Belém, está localizada no Estado da Paraíba, limitando-se ao oeste com o Estado do Rio Grande do Norte, possui uma área de 262,7 Km². A história da cidade tem início com doações de sesmarias, isto por volta de 1840, onde famílias fixaram suas residências vivendo da pecuária, famílias voltadas para o catolicismo, prova disso a cidade é ainda hoje conhecida como o berço sacerdotal, tendo como fundador da cidade o Padre José Joaquin de França Coutinho (Pe. França). O território de Uiraúna (Belém do Rio do Peixe) foi distrito do município de São João do Rio do Peixe, e é nessa época em que o bando de Lampião passou pelas terras da cidade, especificamente no dia 10 de maio de 1927. Como relatou o Sr. Joel Vieira (historiador), residente da cidade, em depoimento⁴ (1987):

Um vaqueiro estava atrás do gado nas vazas, a umas três léguas, avistou o grupo de Lampião, junto a Sabino e Massilôn, dizia serem 55 cangaceiros, entre eles também Jararaca e outros. Avistando o grupo vindo para o povoado o vaqueiro correu e avisou a população que começaram a se preparar para a chegada dos bandidos. Levaram para a torre (da igreja) Luíz Rodrigues, Joaquim Estevam e Zé de Antonio, cabras valentes. Quando o bando parou a frente do povoado, os cabras começaram a atirar, trocando

⁴ Entrevista realizada pela TV Verdes Mares em 1987, presente no Documentário: “Uiraúna terra dos músicos e dos sacerdotes”, in DVD.

tiros com os cangaceiros. Na troca de tiro Lampião resolve recuar, porém queimou uma casa, num quarto cheio de café, matou gados e encontrou na casa dez contos de reis, recuando para a Barra do Juá.

Outro relato sobre a passagem do bando de Lampião em Uiraúna- PB é de Fernandes (1985, p. 49-50), descrevendo a ação dos residentes do antigo povoado como um ato de heroísmo:

O bando apeou-se distante. Uma coluna adiantava-se cautelosa. Às nove da noite, os defensores do povoado avistaram os primeiros vultos e abriram fogo. Travou-se o combate. Na boca do arruado, os bandidos incendiaram um armazém com mais de duzentas sacas de café. No curral contíguo, abateram a tiros meia dúzia de vacas, num gesto de barbaria. Para surpresa dos sitiados, os atacantes suspenderam o fogo, em breve tempo de refrega. Bateram em retirada [...].

Analisando-se o depoimento do historiador Joel Vieira realizado em 1945 e outras oralidades sobre o mesmo, com também outras futuras entrevistas de pessoas residentes de Uiraúna – PB, que tiveram algum contado com esse evento histórico, busca-se interpretações da história desse momento específico da chegada de Lampião e seu bando em Belém do Rio do Peixe. Numa perspectiva de memória social e coletiva, abordando aspectos envolvendo passado/presente, ou seja:

O passado espelhado no presente reproduz, através da memória de narrativas, a dinâmica da vida pessoal em conexão com processos coletivos. A reconstituição dessa dinâmica, pelo processo de recordação, que inclui, ênfases, lapsos, esquecimentos, omissões, contribui para a reconstituição do que passou segundo o olhar de cada depoente (DELGADO, 2006, p. 16).

Portanto, a partir de todas essas discussões bibliográficas e os relatos de pessoas da cidade, esse projeto se constitui como um estudo de caso, que será somado à temática do cangaço abordando a passagem do bando de Lampião em Uiraúna – PB, a partir de registros com os presentes na memória da população. Entendendo-se a Memória como a principal possibilidade existente de análise para compreensão e estudo dessa pesquisa, justamente pelo fato de conservar informações passadas. Em resposta a essa relação entre memória e oralidades, Delgado (2006, p. 16), responde categoricamente:

A Memória, principal fonte dos depoimentos orais, é um cabedal infinito, onde múltiplas variáveis, temporais, topográficas, individuais, coletivas, dialogam entre si, muitas vezes revelando lembranças, algumas vezes, de forma explícita, outras vezes de forma velada, chegando em alguns casos a ocultá-las pela camada protetora que o próprio ser humano cria ao supor,

inconscientemente, que assim está se protegendo das dores, dos traumas e das emoções que marcam sua vida.

Tendo como método de compreensão da memória, a história oral como fonte de pesquisa, partiu-se de depoimentos de pessoas que presenciaram de certa forma esse relato. Sendo a história oral ferramentas de:

Um procedimento metodológico que busca, pela construção de fontes e documentos, registrar, através das narrativas induzidas e estimuladas, testemunhos, versões e interpretações sobre a História em suas múltiplas dimensões: factuais, temporais, espaciais, conflituosas, consensuais (DELGADO, 2006, p.15).

Com essa perspectiva de abordagem procuraremos extrair dos depoimentos, interpretações sobre histórias em suas múltiplas dimensões: factuais, temporais, espaciais, conflituosas, consensuais, como sugere Delgado (2006). A idéia e a utilização complementar das fontes, escritas e orais, cruzando de histórias e memórias na busca das representações da sociedade de Uiraúna da passagem do bando de Lampião em 1927.

Considerações finais

Vários autores já escreveram estudos sobre o cangaço, enfocando aspectos climáticos, sociais e culturas. Gruspan (2006), Facó (1980), Chiavenato (1990), para citar os mais conhecidos. No que concerne ao presente estudo, o mesmo diferencia-se das demais pesquisas por abordar um estudo de caso, ou seja, a passagem do bando de Lampião na antiga Belém do Rio do Peixe, atual Uiraúna no estado da Paraíba, no ano de 1927. Para a realização desse estudo trabalharei com registros orais como: entrevistas, depoimentos e relatos que aliados aos registros escritos tais como jornais, revistas e eventuais registros policiais se constituirão no acervo documental dessa pesquisa que se justifica pela compreensão de que apesar de existir um vasto estudo da historiografia do cangaço, não se tem relatos desse momento específico, assim pretende-se contribuir para a preservação das memórias, reconstruindo as representações de ontem e hoje da história dessa passagem e assim enriquecendo a historiografia local e regional.

Em suma, essa pesquisa tem o propósito não apenas de contar através dos documentos escritos e dos depoimentos memoriais as versões da passagem dos cangaceiros no povoado, mais também tem o intuito de perceber as influencias ocorridas na região após o conflito do bando de cangaceiros de Lampião, possibilitando assim o surgimento de novas pesquisas

sobre o cangaço, numa perspectiva mais futurista, abordando-se aspectos dos traços do cangaço preservados e utilizados até hoje no cotidiano das pessoas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAUJO, Antonio Amaury Côrrea. **Lampião: herói ou bandido?** São Paulo: Claridade, 2009.

CHIAVENATO, J. Júlio. **Cangaço: a força do Coronel**. 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 1990.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História Oral**, memória, tempo, identidades. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

FACÓ, Rui. **Cangaceiros e Fanáticos: gênese e lutas**. 6. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S.A., 1980.

FERNANDES, Raul. **A Marcha de Lampião: assalto a Mossoró**. 3. ed. Natal UFRN, Editora Universitária, 1985.

GRUSPAN, Jasmin Èlise. **Lampião Senhor do Sertão: Vidas e Mortes de um cangaceiro**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.